

Ainda a mão racista contra a paz na RPM

Procurando uma vez mais minar o processo de busca de uma paz duradoira, que pretendemos e para a qual a Lei da Amnistia e Perdão recentemente aprovada, ajuda a criar condições, o regime racista da África do Sul intensifica a sua campanha contra Moçambique. Recorre, desta feita, não somente à contínua infiltração de bandidos armados no nosso território, mas também às mais descaradas formas de propaganda a favor dos mesmos.

Desde que a referida lei foi anunciada, concedendo aos bandidos armados a oportunidade rara de abandonarem o banditismo e reintegrarem-se na sociedade, o governo sul-africano desencadeou uma campanha de propaganda com vista a dar ao mundo uma imagem de um banditismo que não existe. Ele pretende apresentar os grupos que guia, treina e infiltra no nosso País como se fossem uma oposição organizada e com objectivos políticos em Moçambique.

Depoimentos de indivíduos dos bandidos armados ou com eles relacionados preencheram assim nos últimos tempos um espaço com destaque na imprensa sul-africana, sendo o mais flagrante a inserção na semana passada de uma reportagem num dos maiores jornais do país, o «Star», sediado em Joanesburgo. A referida reportagem ter sido feita em território moçambicano e numa base dos bandidos armados e apresentava fotografias e declarações do chefe dos bandidos e outros habitantes da base.

O objectivo desta campanha de propaganda é, por um lado, o de criar a ideia de uma oposição política forte e devidamente organizada, junto das forças nossas inimigas que na África do Sul e fora dela financiam o barbarismo de que somos vítimas. É, por outro lado, o de reduzir o impacto da própria Lei da Amnistia junto dos bandidos que, no terreno, saqueiam os bens da população, destroem infra-estruturas económicas que nos custaram a construir e massacram velhos mulheres e crianças indefesas.

Não foi, pois, com agrado que o governo sul-africano recebeu as primeiras notícias dos já muitos bandidos armados que se entregaram, com maior incidência nas províncias de Manica e Zambézia, mas também noutros pontos do País.

Constituindo o facto um atentado aos seus designios de desestabilização permanente do nosso País, a África do Sul pretende criar nos bandidos armados um falso moral que sustente, não se sabe por quanto tempo mais, a sua vida desumanizada e criminosa, a fim de que possam continuar a destruir escolas e hospitais, pontes e aldeias inteiras e a matar indiscriminadamente populações inocentes.

A recente entrevista com os bandidos armados numa base na província do Maputo verdadeira ou fictícia, pretende sugerir a proximidade da acção do banditismo com relação à capital do País, a fim de moralizar os próprios bandidos e forças que os apoiam.

E, uma vez mais, o aparecimento descarado da mão de um regime racista e desumano que foi sempre contrário ao estabelecimento de uma paz verdadeira em Moçambique e em toda a nossa região. A acção propagandista que é movida contra nós enquadra-se indubitavelmente no mesmo espírito que leva o regime de Pretória a violar continuamente o Acordo de N'komati que perante o mundo assinou com o nosso País e que nunca se dispôs a cumprir.

Cloete Breytenbach, o fotógrafo que, violando o território soberano moçambicano, veio em «missão jornalística» a uma base dos bandidos armados, algures na província do Maputo, e o jornal «Star» não fizeram mais do que prestar mau serviço a uma causa oculta e inconfessável; e a um regime que desesperadamente tenta fazer prevalecer a ideia de que há em Moçambique uma oposição que não existe. Fariam melhor em expôr a selvajaria e as atrocidades que perante o mundo inteiro caracterizam os bandidos armados e a acção sul-africana contra os países seus vizinhos.

BERNARDO MAVANGA